



O ESCÂNDALO DA GRAÇA

Sermão: n° 3.078
Por: Pr. Reginaldo Cresencio,
Pregado no domingo à noite, 27 de julho de 2025,
na Igreja Batista Raízes, São Carlos - SP.

Série: Atos dos Apóstolos

Texto: Atos 22.1-30

INTRODUÇÃO

A fé cristã não é um convite à ingenuidade, tampouco à passividade diante do mal. Em um mundo injusto, caótico e hostil, o crente precisa discernir os tempos e usar de sabedoria espiritual para reagir com graça, firmeza e coragem.

Paulo estava em Jerusalém, diante de uma multidão furiosa. Seu testemunho de conversão provocou um escândalo não por causa da luz do céu, nem pelas escamas nos olhos, mas porque ele disse que Deus o havia enviado aos **gentios** (v.21). Isso foi o suficiente para que a turba se levantasse novamente, clamando por sua morte.

E, no meio da tensão, Paulo revela algo que muda todo o rumo da história: “**Sou cidadão romano**”. De repente, os açoites são suspensos, os soldados recuam, e Paulo ganha tempo — tempo precioso para continuar cumprindo sua missão.

O texto nos ensina que o crente, enquanto cidadão do céu, **não negligencia sua responsabilidade na terra**. Ele age com prudência, usa os meios legítimos que Deus lhe proporciona e, ainda assim, confia que a mão soberana do Senhor dirige todas as coisas.

I. A GRAÇA QUE OFENDE OS ORGULHOSOS (v.22)

“Ouviram-no até esta palavra, e levantaram a voz, dizendo: Tira da terra um tal homem, porque não convém que viva.”

Até aquele ponto do discurso, a multidão ouvia Paulo com aparente paciência. Ele falava de sua origem, de sua formação sob os pés de Gamaliel, de sua perseguição aos

cristãos, e até de sua visão celestial no caminho para Damasco. Nada disso os incomodava a ponto de reagir com violência. Mas bastou ele mencionar que **Deus o havia enviado aos gentios**, para que a fúria irrompesse como uma represa rompida.

Esse detalhe é revelador. A resistência deles não era contra milagres ou experiências espirituais — era contra a graça. Mais especificamente, contra a graça de Deus sendo estendida àqueles que, segundo sua teologia distorcida, não mereciam sequer ser lembrados, muito menos salvos. A menção aos gentios foi o estopim.

Por que tamanha revolta?

Porque o coração religioso — especialmente o legalista — **não suporta a ideia de que Deus salva quem Ele quiser**. A doutrina da eleição escandaliza. A salvação pela graça, independentemente da etnia, herança ou moralidade, confronta o orgulho humano.

A graça escandaliza porque diz ao pecador: *“Você está perdido, morto em delitos e pecados, e não pode fazer nada para se salvar. Deus, por amor e segundo o Seu beneplácito eterno, salva quem quer, quando quer, como quer.”*

A salvação pela graça não é apenas uma doutrina — é uma afronta à meritocracia espiritual. Ela abomina as escadas humanas que tentam alcançar o céu e derruba as torres de Babel que os homens constroem com obras religiosas.

Por isso muitos rejeitam o Evangelho — não por falta de evidências, mas por excesso de orgulho.

Eles não suportam ouvir que são incapazes. Recusam-se a crer que Deus chama o ladrão arrependido, o pagão regenerado, o publicano quebrantado. Não aceitam que a prostituta possa entrar antes deles no Reino dos Céus (cf. Mt 21.31). Sentem-se insultados por uma salvação que não depende deles.

A graça de Deus é ofensiva porque atinge diretamente o orgulho humano.

Martinho Lutero, reformador que conhecia profundamente as entranhas da religião legalista, disse certa vez:

“A graça de Deus destrói as pretensões do homem.” — Martinho Lutero

Muitos rejeitam o Evangelho não por falta de provas, mas porque **se sentem insultados pela ideia de que não merecem nada**. Como pastores e membros da igreja, precisamos pregar a graça mesmo quando ela incomoda. Não estamos aqui para entreter, mas para expor a verdade.

Como pregadores do Evangelho, precisamos estar dispostos a escandalizar com a verdade. Nosso compromisso não é com os ouvidos da cultura, mas com a fidelidade a Cristo. O pastor que suaviza a graça para não ferir o orgulho do pecador não é um servo fiel, mas um administrador infiel que dilui o vinho do Rei.

A graça deve ser pregada em sua radicalidade. Ela deve ser anunciada com ousadia, mesmo que isso custe a fúria da audiência. Paulo sabia disso. Ele não omitiu os gentios para agradar. Ele sabia que o Evangelho é o poder de Deus para a salvação de todo aquele que crê — primeiro do judeu, e também do grego (Rm 1.16).

O púlpito precisa voltar a ser o lugar onde a graça reina — não o moralismo. Onde Deus é exaltado — não o esforço humano. Onde a cruz é central — não o mérito religioso.

II. A VIOLÊNCIA DO PODER SEM JUSTIÇA (vv.23-24)

“E clamando eles, e arrojando de si as vestes, e lançando pó ao ar, o comandante ordenou que o levassem para a fortaleza, dizendo que o examinassem com açoites, para saber por que causa assim clamavam contra ele.” (Atos 22:23-24)

A cena é perturbadora. Em questão de segundos, o ambiente muda da escuta tensa para a histeria coletiva. A multidão explode em fúria. Com gestos de indignação pública — lançando vestes ao chão e poeira ao ar — eles reagem como se Paulo fosse o próprio inimigo de Deus. A razão? A menção de que Deus havia enviado Paulo aos gentios. Mas o que segue é ainda mais revelador: o comandante romano, sem entender o que realmente está acontecendo, ordena que Paulo seja levado para dentro da fortaleza e examinado com açoites. Uma violência institucionalizada, sistemática e, acima de tudo, injusta.

1. A Multidão Enraivecida

O comportamento da multidão é típico de corações inflamados por ódio religioso. Eles não estão interessados em buscar a verdade; querem apenas manter o controle de suas tradições. O gesto de lançar pó ao ar e roupas ao chão não é apenas teatral — é simbólico: eles rejeitam Paulo como impuro, indigno de viver. Em outras palavras, consideram-no um blasfemo, digno de morte. Não há diálogo, nem juízo — só

condenação sumária. A histeria da massa revela o quanto a religião, quando divorciada da graça, se torna brutal.

2. A Autoridade Desorientada

O comandante romano é um retrato de todo sistema humano que, sem conhecer a verdade, age com base na conveniência e no medo do caos. Ele vê a multidão em alvoroço, não compreende o motivo e, em vez de buscar justiça, decide recorrer ao que é mais rápido: tortura. A lógica é perversa: talvez, sob dor, Paulo confesse seu “erro”. Mas Paulo não é um criminoso. Ele é um servo de Deus. E, ainda assim, está prestes a ser açoitado.

Aqui se revela um traço sombrio da humanidade caída: o poder sem discernimento se torna violência. O bastão do comandante, que deveria promover ordem e justiça, transforma-se em instrumento de opressão. Quantas vezes isso acontece também em nossos dias? Líderes, instituições e autoridades que, diante da pressão social ou do medo, abandonam os princípios da verdade e recorrem à força para “resolver” problemas que exigem sabedoria.

3. A Falência da Justiça Humana

A injustiça contra Paulo não é um caso isolado na história bíblica — nem na história da humanidade. A Bíblia está repleta de relatos de inocentes perseguidos, de reis ímpios, de sistemas judiciais corrompidos. A própria cruz de Cristo foi o maior ato de injustiça cometido por um tribunal humano. Quando Pilatos lavou as mãos, ele selou o fracasso da justiça dos homens.

Como igreja, precisamos reconhecer esta verdade dura: a justiça dos homens é falha. Mesmo quando vestida de toga, empunhando a balança ou sustentada por uma constituição, a justiça humana é imperfeita. Pode ser usada para o bem — e devemos orar por isso —, mas nunca deve ocupar o lugar da nossa esperança. Nenhum sistema humano pode redimir o mundo. Apenas Cristo pode.

4. A Igreja como Guardiã da Justiça Divina

Não cabe à igreja confiar cegamente nos poderes deste século. Nosso chamado não é aliar-se ao poder, mas denunciar sua perversão, resistir quando for injusto e proclamar a verdadeira justiça de Deus. Devemos formar discípulos que não se encantem

com a força do Estado, mas que vivam com a firmeza de quem serve a um Rei justo e eterno.

Precisamos educar nossos irmãos a usar com sabedoria as estruturas civis: votar com discernimento, exercer a cidadania, respeitar as autoridades — mas sem jamais idolatrá-las. A justiça que flui do trono de Deus é a única que jamais falha, pois nela não há parcialidade, corrupção ou erro. É essa justiça que deve moldar nosso clamor, nossa pregação e nosso modo de viver.

III. A SABEDORIA DE USAR OS DIREITOS LEGÍTIMOS

(vv.25-29)

“É-vos lícito açoitar um cidadão romano, sem ser condenado?” (v.25)

Enquanto as cordas apertavam os pulsos de Paulo e os soldados se preparavam para executar o castigo, ele profere uma pergunta tão simples quanto poderosa. Não grita, não esbraveja, não apela ao sentimentalismo. Ele apenas pergunta, com serenidade e precisão: “É lícito açoitar um cidadão romano, sem ser condenado?”

Essa pergunta desarma o sistema. Em um instante, o poder troca de mãos — da força bruta para a razão fundamentada. A tortura cede lugar à hesitação. E o império, até então arrogante, se vê temeroso. Um prisioneiro algemado agora segura nas mãos a balança da justiça.

Neste momento, Paulo nos dá uma aula prática de como a sabedoria cristã opera quando está enraizada no evangelho e aliada à consciência cidadã. Ele não recorre a sua cidadania para escapar de seus deveres missionais, mas para cumpri-los com maior eficácia. Ele não foge da missão, apenas usa os meios lícitos para prosseguir nela.

1. Prudência com coragem

A sabedoria bíblica nunca é passiva. Ela é ativa, mas sem ser impetuosa. A pergunta de Paulo é um exemplo clássico de coragem prudente. Ele não desafia com violência, mas confronta com inteligência. Não teme a espada, mas também não se lança a ela sem necessidade.

Essa postura nos ensina que prudência não é covardia. É a arte de saber o que fazer, quando fazer e como fazer — à luz da verdade e para a glória de Deus. Paulo poderia ter gritado seus direitos, mas preferiu afirmá-los com firmeza serena. A força da

sabedoria está, muitas vezes, no tom com que se fala, não apenas no conteúdo do que se diz.

2. Confiança na soberania, mas uso dos meios ordinários

Paulo já havia sido libertado milagrosamente antes. Um terremoto abriu portas em Filipos. Um anjo o livrou em outras ocasiões. Mas aqui, ele não espera o sobrenatural — ele age. E sua ação, sua simples pergunta, torna-se instrumento da providência divina.

Esse ponto é essencial: confiar em Deus não é sinônimo de passividade. A fé genuína crê que Deus é soberano sobre tudo, inclusive sobre os meios ordinários — como leis, tribunais e cidadania. Quem crê, age. Quem espera no Senhor, se move com responsabilidade. O Deus que opera milagres também governa sobre as estruturas legais e sobre as oportunidades humanas.

3. Mordomia da cidadania

A cidadania romana era privilégio raro e valioso. Muitos a compravam por altas quantias — como o próprio comandante reconhece no verso 28. Paulo, porém, nasceu com esse direito. E, diferentemente de muitos que ostentariam esse status, ele o usa com humildade e propósito.

Ele não ostenta sua cidadania como medalha de prestígio, mas a utiliza como um mordomo fiel usa um recurso concedido pelo Senhor. Isso é mordomia cristã: administrar com sabedoria o que Deus nos confiou — seja dinheiro, talentos ou direitos civis.

Paulo nos ensina que a cidadania terrena pode ser instrumento útil na missão celestial. Ele não idolatra o império, mas também não despreza os recursos legais que o império oferece. Seu exemplo nos desafia a viver como cidadãos do céu, comprometidos com a verdade eterna, mas também como cidadãos responsáveis da terra, conscientes de nossos deveres e direitos.

Aplicações para os crentes de hoje

Cristãos brasileiros — e de qualquer outra nação — são chamados a viver com dupla cidadania: celeste e terrestre. Não como uma dicotomia, mas como uma mordomia. Isso significa que recorrer ao sistema jurídico, apresentar uma denúncia, requerer um direito ou se engajar em processos democráticos pode ser expressão fiel da fé reformada.

Contudo, é preciso discernimento. Não devemos idolatrar partidos ou poderes, nem colocar nossa esperança em sistemas humanos. Nossa confiança está em Deus. Mas a fé que confia, também age com responsabilidade.

Seja como eleitor, servidor público, advogado, professor ou cidadão comum — cada cristão deve usar seus direitos como Paulo: não para evitar o sofrimento por Cristo, mas para avançar com inteligência na missão que nos foi confiada.

"A prudência é filha da fé e serve da missão." — Reginaldo Cresencio

Essa frase sintetiza bem o que vemos em Atos 22. Paulo age com prudência porque confia plenamente na soberania de Deus. Ele é prudente não para preservar-se, mas para continuar proclamando Cristo. E sua sabedoria não é motivada por autopreservação, mas por zelo pela missão que recebeu.

IV. A PROVIDÊNCIA DE DEUS SOB O GOVERNO DOS HOMENS (v.30)

"No dia seguinte, querendo saber com certeza a causa... soltou-o..."

A narrativa de Atos 22 nos conduz a um ponto surpreendente: Paulo, quase espancado por uma multidão enfurecida, é agora libertado por um comandante romano — um gentio pagão, sem conhecimento da Lei de Moisés, muito menos da graça de Cristo. O que parecia ser o desfecho de um linchamento vira o prelúdio de uma audiência pública. O que era caos se transforma em oportunidade. O que parecia um beco sem saída torna-se a primeira estação do caminho para Roma. E por trás de tudo isso, há uma mão invisível dirigindo cada detalhe: a providência soberana de Deus.

A libertação de Paulo não é obra da simpatia de um comandante, nem apenas o resultado de sua cidadania romana. É uma evidência clara de que o Senhor governa sobre todos os governos, inclusive os mais hostis à Sua causa. Deus usa o comandante pagão, os soldados do Império, e até mesmo as leis civis de Roma como instrumentos para cumprir Sua vontade. Assim como o Senhor inclinou o coração de Faraó, usou Ciro, rei

da Pérsia, e sustentou Daniel sob reis ímpios, aqui Ele conduz a história com precisão milimétrica — ainda que sob sistemas humanos imperfeitos.

A PROVIDÊNCIA NÃO PRECISA DE PERFEIÇÃO

O sistema romano era conhecido tanto por sua ordem quanto por sua brutalidade. Ainda assim, Deus o utiliza. Isso nos ensina que a providência divina não depende de estruturas perfeitas. O Senhor não espera por governos santos, juízes justos ou reis piedosos para agir em favor de Seu povo. Ele reina mesmo em Babilônia. Ele reina mesmo em Roma. Ele reina mesmo quando os tribunais são injustos, os políticos são corruptos e os sistemas falham. Como escreveu Calvino de forma magistral:

“Deus dirige as rodas do mundo com as rédeas invisíveis da Sua providência.”

FÉ QUE ORA, MAS NÃO IDOLATRA

O apóstolo Paulo, inspirado pelo Espírito, escreveu que devemos orar por todos que estão em posição de autoridade (1Tm 2.1-4). Essa oração, porém, não se baseia em uma confiança cega nos sistemas humanos, mas em uma confiança plena no Deus soberano que, por vezes, usa essas autoridades para restringir o mal, preservar os justos e pavimentar caminhos para o avanço do Evangelho.

Nosso papel como cristãos não é depender de governos como salvadores, nem tratá-los como inimigos definitivos. Devemos, sim, exercer uma cidadania responsável, orar pelas autoridades e confiar, sobretudo, no Rei dos reis e Senhor dos senhores. Ainda que o mundo se abale, o trono de Deus permanece inabalável.

O que parecia ser mais um capítulo de sofrimento para Paulo era, na verdade, parte de um roteiro divinamente traçado. A cela seria apenas um corredor até César. A opressão tornar-se-ia púlpito. A perseguição, megafone da glória de Deus. A providência de Deus está sempre operando nos bastidores da história, e os servos de Cristo devem aprender a ler os movimentos do céu em meio às circunstâncias terrenas.

A mesma mão que fechou a boca dos leões com Daniel e abriu o mar com Moisés está, aqui, abrindo caminho para Paulo pregar o Evangelho em Roma. E ainda hoje, essa mão dirige os detalhes da vida dos servos de Deus.

CONCLUSÃO

Imagine agora um navegador solitário em alto-mar, em meio a uma tempestade furiosa. As ondas ameaçam virar seu barco, os ventos sopram com violência, e a escuridão da noite engole qualquer ponto de referência. Em sua embarcação simples, ele encontra dois instrumentos: um leme e um farol. Muitos diriam que, em um ato de entrega piedosa, ele deveria soltar o leme, apagar o farol e esperar passivamente que Deus o conduza ao porto seguro. No entanto, essa não é a fé que a Escritura ensina.

A verdadeira fé segura firme o leme e acende o farol. Ela confia que Deus, soberanamente, governa os ventos — mas também que Ele dotou o homem com instrumentos e sabedoria para agir em obediência, mesmo sob pressão. O navegador piedoso sabe que o Senhor pode, se quiser, acalmar a tempestade como fez no Mar da Galileia (Mc 4.39), mas também sabe que, se não o fizer, ainda assim será glorificado por meio da resistência perseverante e da fidelidade daquele que confia n'Ele até o fim.

Assim também Paulo, em Atos 22, não entrega sua vida de maneira passiva à violência das autoridades. Ele não se recusa a agir em nome de uma fé mal compreendida. Ao contrário, ele exerce seus direitos, pergunta com sabedoria, apela à lei e, com isso, pavimenta o caminho da missão — não como alguém que confia nos meios, mas como alguém que sabe que Deus é quem age por meio deles.

Essa é a beleza da providência: Deus reina sobre todas as coisas, mas não anula a responsabilidade humana. Antes, Ele a utiliza. Por isso, o crente deve ser diligente, prudente, consciente de sua cidadania e obediente ao chamado, usando todos os recursos legítimos que estiverem em suas mãos — não por falta de fé, mas por causa da fé. Como alguém que segura o leme e acende o farol, mesmo em meio à escuridão, o cristão age não por desespero, mas porque confia que o mesmo Deus que governa as ondas também guia suas mãos.

Neste pequeno trecho, aprendemos que:

- A graça é escandalosa para o homem religioso e moralista.
- A justiça humana é limitada, mas a justiça de Deus é perfeita.
- O crente deve ser prudente, usar os meios legais e agir com sabedoria.

- Deus reina sobre tudo e usa tudo para cumprir Seus propósitos eternos.

Portanto:

1. **Seja fiel, mas seja sábio.** A coragem cristã não é sinônimo de imprudência.
2. **Use os meios que Deus lhe deu.** Dinheiro, cidadania, educação, leis — são ferramentas, não ídolos.
3. **Confie na soberania de Deus.** Mesmo quando for injustiçado, lembre-se: nada escapa do controle divino.

ORAÇÃO FINAL

Senhor Deus, obrigado por tua soberania, por tua justiça e por tua sabedoria. Ensina-nos a viver como cidadãos do teu Reino, mas com discernimento no mundo. Dá-nos coragem diante da perseguição e sabedoria diante da injustiça. Que em tudo, a nossa vida glorifique o teu nome. Em nome de Jesus, amém.